
Da Ressaca Pandêmica à Explosão da Alegria - Compreendendo os Afetos no Contexto das Confraternizações On-line e Pós-pandemia¹

Arlete NERY²

Marcia AZEN³

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar os eventos de confraternização durante a pandemia e propor uma análise e reflexão destes em relação aos eventos presenciais, procurando compreender até que ponto este modelo de sociabilidade em rede conseguiu cumprir a demanda de acolhimento e produção de afetos. Ou se, ao contrário, promoveram um misto de frustração e vazio, que se encerraram numa atmosfera de melancolia que acabou ressaltando o sentimento de solidão, derivados de uma superexposição dos sujeitos.

Palavras-chave

Culturas Digitais, Antropologia Digitais, Convivências Digitais, Afetos, Pandemia

Introdução

A Pandemia de Covid 19 se apresentou como um acelerador histórico em diversas frentes da sociedade. Reinventamos o modo de trabalhar, de estudar, de nos relacionar. Não havia muita opção. Dentro da perspectiva de um mundo conectado, mesmo os mais resistentes sucumbiram ao inevitável desenlace para o mundo virtual, que passou a abrigar até mesmo os eventos sociais.

Nossa sobrevivência foi garantida pela coletividade. Aristóteles já dizia que a incompletude humana aponta sempre para a necessidade do outro. Para o filósofo grego, isso acontece porque o Homem é por natureza um animal político, e no esforço de sobrevivência ele se entrega à coletividade. Em tempos de afastamento social, a carência se acentua, e busca-se nos entre lugares a possibilidade de manter viva a

¹ Trabalho apresentado no GP 30 - Grupo de Pesquisa Tecnologias e Culturas Digitais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura, ECO/UFRJ.

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação IBICT-ECO/UFRJ.

convivialidade inerente ao humano. Mas é apenas uma simulação do real, e no jogo do faz de conta, tudo parece muito incomum, por vezes até estranho.

Em um dos episódios do programa da HBO Greg News, o ator Gregório Duvivier descreveu como acontece um aniversário via zoom:

“A pandemia conseguiu inventar uma coisa pior do que a reunião por zoom, que é a festa por zoom. Aquele parabéns fora de si, as pessoas sozinhas todas maquiadas dançando em frente da câmera, todo mundo querendo falar ao mesmo tempo, aquele final melancólico com todo mundo desligando o vídeo. Até que fica só você e a aniversariante sem assunto, porque ninguém tem assunto com ninguém, porque nada de novo aconteceu na vida de ninguém. Até que você desliga e está sozinho em casa, bêbado, tomando um gin tônico ruim, porque foi você que fez e não são nem 10 horas da noite.”

No texto do programa, duas palavras chamam especial atenção, “final melancólico”. O final de uma festa é algo que completa um ciclo que começa desde o planejar, ter a primeira ideia. Há muitos que dizem que o melhor da festa é esperar por ela. No final, vemos a catarse, o bom cansaço, a história pra contar. Se não ocorre desta forma, se há um vazio melancólico, é porque aquilo que se pretendeu como um ritual em prol da alegria do grupo, não cumpriu sua razão de existir. E nesse momento, em que o existir coletivo passa a não fazer sentido, o protagonismo volta-se para o sujeito.

Uma reportagem publicada na revista Exame em janeiro desse ano deu conta de um aumento em 2022 de 81% na movimentação de casais procurando assessoria para realização de eventos em comparação ao mesmo período do ano anterior e de uma movimentação de cerca de 33 bilhões de reais após a vacinação em massa e o afastamento do perigo maior de morte no auge da Covid 19. Parece que, após o longo período de telas, tudo o que se quis foi celebrar a vida. O presente trabalho se propõe a analisar o que aconteceu antes de tais explosões, os eventos de confraternização ocorridos on-line durante o período da pandemia, procurando compreender até que ponto este modelo de sociabilidade em rede conseguiu cumprir a demanda de acolhimento e produção de afetos.

Os Sujeitos dos Eventos Sociais On-Line

Foucault (1995) diz que o sujeito é um efeito das relações dos discursos, o que não significa que ele esteja submetido a um porvir inevitável. A inscrição dos sujeitos na exterioridade social é constituída pela relação de um com o outro. Partindo-se desta reflexão, e utilizando-se do método arqueológico, propomos observar os eventos aqui abordados na perspectiva dos sujeitos, analisando-os pelas suas diferentes fases da vida: a criança, o adolescente, o adulto e o idoso. Vejamos cada um deles.

A criança

Do latim creatia, é o fruto da criação, o ser sagrado, em formação, priorizado na existência humana pois é o que tem mais chance de garantir sua existência. Para Foucault (1995), a fundação do sujeito da infância é parte de um conjunto de estratégias voltadas para a construção de um novo regime de verdades e práticas, configurado para estabelecer um modo de ser e ter uma infância. O principal objetivo é o adestramento do corpo infantil para a manutenção da disciplina social. A criança é o sujeito que precisa de orientação, proteção, e construção de conhecimento. No ambiente virtual tem sido a que se mostra mais familiarizada, que aceita como real todas as ocorrências do digital, e numa perspectiva que, proporcionalmente, seus poucos tempos de vida são percentualmente de tamanho relevante para provar que são mais experientes, e portanto aptos para a experiência do convívio digital. Não é possível se dizer, entretanto, quais serão os efeitos dessa familiaridade no futuro.

O adolescente

O termo adolescente foi cunhado na cultura ocidental no final do século XIX, motivado pela ética individualista romântica (Coutinho, 2009). O romantismo surge em oposição ao culto à racionalidade e à ordem, ligado ao Iluminismo e ao Protestantismo, e era marcado pela paixão pela natureza e pela busca pela autenticidade. Na contemporaneidade, a adolescência é o interlúdio entre a infância e a vida adulta. Nela é permitido contactar os sentimentos, as angústias, intensificadas em tempos de pandemia. Possivelmente, foi o grupo que teve maior deslocamento para o ambiente

virtual. Não é tão adulto que tenha que se dividir em tarefas inevitáveis do presencial, como ir ao banco, ao mercado, trabalhar fora, etc.. Mas também não é tão criança para ser poupado de horas de compromissos estudantis on-line. Para além dos compromissos escolares, entretanto, está a convivência com o grupo, como ponto fundamental para vida de um adolescente, já cheia de incertezas e inseguranças. Um adolescente é capaz de passar o dia todo on-line por aplicativos como Discord, que permite falar on-line o tempo todo com vários amigos ao mesmo tempo. Por outro lado, está numa comemoração on-line, aparecendo em vídeo, pode ser mais que torturante.

O adulto

É o sujeito-verdadeiro; sujeito-referência; sujeito-padrão, segundo Corazza (2001). Exerce relação de controle e dependência sobre a infância; quem atingiu o máximo do seu crescimento e a plenitude das suas funções biológicas. “Homem, animal, planta a” (Michaelis, 1998); adulto enquanto denominação para a fase da vida de um animal que compreende o período de transição entre a adolescência e a velhice. Esta fase é a mais ativa e produtiva, principalmente para o ser humano (Wikipédia, 2021). Fazem parte do grupo com grande ansiedade de manter viva a memória do que é viver em sociedade, manter a união entre os amigos e a família. Porém, tem pouco tempo para viver a vida adulta no ambiente on-line no que se refere ao lazer. É o que mais se enquadra no cenário melancólico descrito no trecho do programa que comentamos acima.

O idoso

São as pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos (LEI No 10.741, 2003); quem tem muitos anos de vida; velho (Michaelis, 1998); sujeito que preserva a cultura e os conhecimentos de um tempo comum (SAMIRA, 2008). Ou ainda:

“Se o pescador é condenado a desaparecer, com ele desaparecerá toda uma tradição, todo um conhecimento sobre aquele ambiente natural. O desaparecimento destas fontes vivas expressa também o quanto que um modelo social pode influenciar no processo de construção e reconstrução da memória de um grupo” (PIMENTEL, 2004, p. 119).

Certamente, é o que tem maior dificuldade de adaptação aos tempos de convívio on-line. Os desafios passam pela aquisição e uso dos equipamentos, cumprimento dos protocolos sociais e, sobretudo, do atendimento da demanda da “saciedade de afeto”.

Dialogos Teóricos

Trazemos aqui uma análise que possui forte conexão com o campo da antropologia digital, campo teórico de tradição inglesa (MILLER & HORST, 2012; MILLER et al, 2016; MACHADO, 2017). Por antropologia digital, compreendemos os modos de apreender vivências culturais dos sujeitos sociais mediadas por tecnologias: de plataformas a aplicativos digitais, em outras palavras, o que se experimenta no ambiente online é resultado daquilo que já se vive na atmosfera offline. “Potencialmente, uma das maiores contribuições da Antropologia Digital seria o grau com que ela finalmente explode as ilusões de um mundo pré-digital não mediado e não cultural” (MILLER, 2012, p. 97).

No entanto, as experiências culturais precedentes se articulam aos novos modos de sociabilidade na cultura digital. Por essa ótica, a percepção de autenticidade nos discursos e narrativas ganha novos lugares como legítimos, já que provocam interações sociais mediadas por plataformas digitais. Os produtos midiáticos contribuem para uma noção alargada e subjetiva, que, ao mesmo tempo, revela-se sentimental e íntima, ao explorar a história por meio de narrativas marcadas pelo heroísmo e pela salvação pessoal. Neste trabalho, compreendemos os rituais de confraternização on-line como um modo de sobrevivência pessoal e social durante o período da pandemia da Covid-19.

Van Dijck (2007) relaciona as práticas contemporâneas para gravar e armazenar eventos no tempo enquanto complexos de práticas. Os novos movimentos coletivos são provocados por razões que, antes da pandemia, poderiam nunca ter tido força propulsora para engendrar manifestações do mesmo gênero. Estamos considerando como rituais de confraternização on-line: aniversários, casamentos, batizados, Natal, Ano Novo, happy hour, entre outras celebrações comunitárias.

Ainda sob a luz da antropologia digital, no que se refere a atmosfera online, é possível concluir que, mesmo com a coexistência de múltiplos dispositivos, redes e plataformas para a interação social, as escolhas para o uso são marcadas por vínculos socioculturais mais amplos, por questões afetivas e simbólicas (MACHADO, 2017). Uma característica que propicia esse campo de discussão e análise é a ausência de barreiras. Esta ideia elucida a motivação por trás dos usos digitais para a convocação de manifestações como as aqui analisadas.

Por outro ângulo, as questões em torno dos conceitos de memórias mediadas também podem conduzir o debate às representações. A experiência vivenciada pelos rituais de confraternização on-line, por exemplo, não se restringe ao ser individual ou ao expor do ato de ser, mas também uma experiência efetivamente vivida pelos sujeitos.

A subjetividade – antes apenas interiorizada – produzida pelos atuais dispositivos de visibilidade, a partir do olhar do outro, do “olho público” (FOUCAULT, 1979), atualmente, endossa, em alguma esfera, o autocontrole e a autovigilância. Nesse sentido, um fator que pode dificultar a compreensão da experiência de celebrações virtuais e das subjetividades implícitas é o fato de que elas também englobam representações pessoais.

Antes do contexto pandêmico, uma conectividade virtual poderia ser apenas mais um estímulo virtual, sem dar conta de vínculos afetivos. Na explosão deste modelo de convívio, os vínculos passam a depender – em alguma esfera – do ambiente virtual para manterem-se efetivos. Na transição do presencial e do virtual, sob a ótica da subjetividade à luz de Foucault (2016), há que se libertar o sujeito da eventualidade do sonho, para garantir-lhe que efetivamente não está sonhando quando tem acesso à verdade, ou, em todo caso, que o acesso que tem à verdade não pode ser ameaçado nem comprometido pela eventualidade do sonho (FOUCAULT, 2016).

Subjetividade e Lugares de Afeto

A convivência virtual trazendo benefícios sensoriais já existe entre os seres sociais há algum tempo. O sexo virtual é uma dessas experiências, que existe para atender a demanda da fugir da solidão, da carência ou de delimitações de desejo. A conectividade virtual, entretanto, se apresenta como um estímulo virtual para algo sensorialmente presencial, ou seja, ela não precisa dar conta de vínculos. Já as conexões atuais no ambiente virtual, como os eventos sociais, precisam atender a demanda dos vínculos.

Em um jogo de conjecturas, poderíamos dizer que em um evento virtual, não estamos tratando de imaginação, mas de verdades. O virtual é real, e também é presencial, ali se está presente. Já o sensorial escapa ao virtual, pois envolve sensações tangíveis ao objeto corpóreo. O sensível, por sua vez, está no virtual, pois atende experiências que habitam na ordem do imaginário. E o imaginário habita a esfera do sonho como objeto de desejo, a felicidade almejada por todos os seres humanos. O imaginário é o caminho para a verdade.

Para refletir sobre o binômio subjetividade e afetos, trouxemos o conceito de mediatização (Sodré, 2006), que seriam ações nas quais um veículo torna-se capaz de gerir sentimentos, emoções e afetos dentro de uma comunidade, a ponto de alterar os comportamentos a partir de sua capacidade de produzir emoções na vida social. E isso passa não só pela gestão dos relacionamentos vigentes, mas também por um novo reconhecimento do que é relacionamento. (Sodré, 2006). E como entender como se dá um relacionamento no ambiente digital, considerando as perspectivas de liberdade do sentir e do fazer sentir?

Na década de 80, Bey (2001) nos apresentou o conceito de Zonas Autônomas Temporárias, ou Temporary Autonomy Zones, ou simplesmente TAZ, espaços temporários que escapam às estruturas formais de controle. No advento da Internet, Bay rejeita a ideia de que a rede mundial de computadores pudesse ser uma TAZ, e reafirma sua opinião em entrevista de 2002. Porém, o mesmo Bey trata a internet como um

espaço de sociabilidade, de trocas. Trocas simbólicas, de informações, e um espaço de troca afetiva. Sendo assim, optamos por aceitar a hipótese que Bey rejeitou. Na perspectiva do conceito de profanação em Agamben (2007), se tentaria controlar um dispositivo criado para o controle, impondo a ele um novo sentido. O autor delimita os usos das palavras Web e Net, utilizando web no sentido libertário da rede, e net com uso de produção de capital. A web seria o caráter profanado.

Refletindo sobre esses teóricos, e compreendendo a internet como um entrelugar que, por profanação, tornou-se uma TAZ, pensamos sobre as manifestações humanas, contrapondo o que ocorre no ambiente virtual e no presencial. E assim, propomos o entendimento do que aqui chamamos de Transbordamentos Afetivos Temporários. Eles seriam os eventos que desaguam na catarse, mas ainda não são ela, justamente por seu caráter temporário, e fugaz. Estamos falando da explosão do gol, do abraço fraterno em uma celebração religiosa, no mergulho da plateia num show de rock, na explosão de uma dança em uma festa. Eles seriam o percurso do deságue exausto da alegria, a ressaca da felicidade. Entretanto, no virtual eles não podem ocorrer, e o que resta é a melancolia, aquela mesma descrita por Gregório Duviver no seu programa.

Estar junto e celebrar - o Antes e o Depois da Pandemia

A análise deste trabalho permitiu compreender o conceito de re-existência como alternativa possível aos rituais de confraternização, trazendo à população do mundo inteiro novos modos de organização que permitiram sobreviver e o fazer sobreviver de Fonseca (2018). Se ela não cumpre em sua totalidade o objetivo da confraternização, seu conceito em torno do viés de que quando não se pode resistir, há que se re-existir é totalmente aplicável ao contexto de isolamento social provocado pela pandemia, que ainda se faz presente na sociedade contemporânea.

Entretanto, parece que, por maior que tenha sido o esforço para simular o presencial no virtual, os eventos virtuais não deram conta de suprir os afetos reais, aqueles que fazem dos sujeitos seres reais, e que legitimam de fato sua própria

existência, tornando o fato de existir como parte de um sistema de verdade. As frustrações geradas na tentativa de suprir as necessidades de afeto podem estar reverberando até hoje, e podem ter contribuído para um processo de adoecimento social com o qual todos estamos tendo que lidar e que se apresentam como mais um desafio para superação de todos os traumas que vivemos após o período pandêmico.

Considerações Finais

A partir da análise deste trabalho, foi possível concluir que os polos de construção discursivas, como já apontava Foucault (2016), reúnem tendências que, eventualmente, funcionam como regra a ser seguida. Nessa linha, todo discurso teria seu polo de produção, uma vez que a produção discursiva não se daria de maneira aleatória, mas atenderia aos interesses de instâncias superiores e, conseqüentemente, de suas relações de poder previamente estabelecidas. Dessa forma, os sujeitos produtores dos discursos são perpassados pelas relações de poder às quais estão subordinados.

O fato do ritual de celebração – ainda que no ambiente digital – ser um acontecimento, faz com que o discurso não seja imaterial, já que ele se materializa nas práticas sociais dos sujeitos e neles produz efeitos. Ainda nessa direção, a internet, como zona temporal transitória, revela-se cada vez mais como zona temporária permanente, na medida em que abre novos usos e possibilidades. No contexto da pandemia da Covid-19, não se trata de uma superação individual da doença, mas uma busca pela mudança social provocada pelo isolamento que se fez (e em certo grau ainda se faz) necessário no período. Mesmo os sujeitos mais reservados ou com um distanciamento maior do ambiente digital, precisaram romper com paradigmas pessoais para viver a experiência on-line. Em alguma esfera, podemos perceber sinais de fortalecimento de laços, que se mostram capazes de se reinventar, ancorados em uma rede de incentivo e reforço. Assim, os dispositivos online mostram-se como locais de acolhimento do afeto.

Visualizamos também, como um novo caminho, a investigação sobre a criação e o cultivo de novas associações afetivas em tempos de rituais online. Como analisar, em

profundidade, processos de subjetivação e sujeição nos rituais de confraternização? Os debates gerados a partir deste questionamento poderiam constituir um material analítico ainda mais consistente. Esperamos que tais aspectos em torno do tema possam ser tratados e inspirar investigações futuras.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. Profanações. São Paulo: Boitempo Editorial. 2007.
- BEY, Hakim. TAZ: zona autônoma temporária, anarquismo ontológico e terrorismo poético. São Paulo: Conrad, 2001.
- FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. Michel Foucault: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. Subjetividade e Verdade. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2016
- SILVA, Giuslane; MACHADO JUNIOR, Sérgio. A construção do sujeito em Michel Foucault. ENTRELETRAS, Araguaína/TO, v. 7, n. 1, jan/jun. 2016 (ISSN 2179-3948 – online).
- SODRÉ Muniz. Estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. 1a. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- Revistas: KOTSCHO, Ricardo. Pós-Bolsonaro e pós-pandemia: alegria explode nas ruas na volta do Carnaval. Revista Veja. São Paulo. Publicado em 18 de fevereiro de 2023.
- LIMA, Luciana. Após retomada, setor de eventos volta a contratar mas sofre com a escassez de talentos. Revista Exame. São Paulo. Publicado em 14 de janeiro de 2023.
- MOSQUERA, Ana et al. Carnaval 2023 será o maior da história, numa retomada das ruas com recordes de blocos. Revista Isto É. São Paulo. Publicado em 03 de fevereiro de 2023.